

**SE PERDEMOS A MEMÓRIA, DESTRUÍMOS O FUTURO.**  
*Que o aniversário do Holocausto, a indescritível crueldade que a humanidade descobriu 75 anos atrás, seja um apelo a nos determos, a ficarmos em silêncio e a fazermos memória. Serve-nos, para não nos tornarmos indiferentes.*

#DiaDaMemória — Papa Francisco (@Pontifex\_pt) January 27, 2020



## 75 anos da libertação de **Auschwitz**

# «Nunca saí de lá»

**S**AMI MODIANO tinha apenas oito anos quando se apercebe das leis raciais antes das medidas do Estado. Vivia, como tantas outras crianças, na ilha de Rodes, “a ilha das rosas”, que voltou a ver após vários anos, mas olhos desflorescidos. Hoje, aos 89 anos, não esquece o momento em que a segregação racial pairava entre os bancos da escola, fria e concisa como a expulsão que lhe foi comunicada pelo professor primário: «A minha infância acabou aos oito anos. Frequentava o terceiro ano quando fui expulso da escola, e naquele momento tive a minha primeira dor. O meu desejo era o de poder estudar, mas as leis raciais tiraram-me essa possibilidade». Assim, na ilha em que a brisa podia desvanecer as nuvens, enraíza-se uma sombra que o obscurece: «Não ser uma criança igual a todas as outras é um traço que me ficou desde então».

Para Sami Modiano a tragédia da deportação começa com uma infância interrompida, que o transforma de inocente a testemunha marcada pela culpa: «Tinha 13 anos e meio, era um jovem com a família e uma grande comunidade judaica de Rodes, que contava cerca de duas mil pessoas. Da minha família perdi cerca de 40 pessoas, entre as quais o pai e uma irmã, mas na realidade perdi duas mil, porque no fim salvámo-nos 31, e eu era o mais pequeno». Pode a culpa da humanidade pesar sobre as graças costas de um rapaz de 13 anos? É uma pergunta que Sami Modiano se fez muitas vezes na vida, sem encontrar resposta. Até 2005: «Após 60 anos voltei a Auschwitz-Birkenau. Dei-me conta de não ter esquecido uma vírgula, reencontrei-me lá como se fosse pela primeira vez». A voz cede, as palavras tornam-se secas, de uma dor cada vez mais universal: «Vi, vi, vi», diz três vezes, e nas pausas há toda uma

vida suprimida nos campos de extermínio. «Quando me perguntam: “Sobreviveu?”, eu respondo: “Sim”, mas ainda estou lá, em Auschwitz-Birkenau, nunca saí de lá. Era um jovem: como posso eliminar aquilo que vi?»

**«É por isto que saí vivo. Porque devo procurar transmitir aos jovens. Perscrutando as suas lágrimas naquele cemitério que se chama Birkenau, diante das câmaras de gás jurei que haveria de continuar. Virá o momento de me ir embora, mas irei sereno, consciente que aquilo que fiz, fiz com grande e devido empenho»**

Depois de décadas, fez sua a missão de recordar, e neste processo entretido de vida e morte decide diariamente dedicar-se aos mais jovens: «Quando acompanhei 300 estudantes do ensino secundário ao campo de concentração,

apesar da minha dor, senti-me apoiado por eles. São eles a dar-me aquilo de que preciso, e por eles continuarei, até que Deus me dê a força para continuar, porque são eles que têm de fazer de maneira a que isto não aconteça nunca, nunca, nunca mais».

Pergunto-lhe se naquele que se chama “cemitério de Auschwitz-Birkenau” alguma vez interpelou Deus: «Perante aquilo que vivi no campo, perdi a fé, porque me perguntava onde estaria Deus nas crianças inocentes que eram mortas de maneira atroz. Foi uma interrogação que trouxe sempre comigo, até que recebi gestos humanos que me fizeram redescobrir a fé».

Sami Modiano viu Deus no aperto de mão de um rapaz ocorrido no momento da mais profunda solidão e desespero. Daquelas mãos apertadas no inferno nasceu uma grande amizade com Piero Terracina: «Naquele momento ajudámo-nos, não obstante a consciência que não sairíamos vivos de lá. Naquele campo da morte chegámos a adotarmo-nos como irmãos, sabendo que seríamos mortos, mas o Pai Eterno deu-nos a vida, e daquele momento em diante a nossa amizade foi qualquer coisa que não se pode explicar, um mistério insondável que nos liga ainda hoje, para além da morte». A sua voz interrompe-se pelas lágrimas, na recordação do amigo recentemente desaparecido.

Quando fala de Deus, Sami Modiano chama-o “Pai”: «Somos todos filhos de Deus, somos todos seres humanos sem qualquer diferença. Esta é a nossa tarefa, esta é a nossa missão», repete aos jovens que, a partir dos 15 anos, acompanha na visita ao campo de concentração em que viveu a infância e a adolescência.

“Por isto vivi” é a sua biografia. Uma resposta

concisa a uma pergunta que o acompanhou durante toda a vida: «É por isto que saí vivo. Porque devo procurar transmitir aos jovens. Perscrutando as suas lágrimas naquele cemitério que se chama Birkenau, diante das câmaras de gás jurei que haveria de continuar. Virá o momento de me ir embora, mas irei sereno, consciente que aquilo que fiz, fiz com grande e devido empenho».

**Se perdemos a memória, destruímos o futuro. Que o aniversário do Holocausto, a indescritível crueldade que a humanidade descobriu 75 anos atrás, seja um apelo a nos determos, a ficarmos em silêncio e a fazermos memória. Serve-nos, para não nos tornarmos indiferentes.**  
**#DiaDaMemória**  
— Papa Francisco (@Pontifex\_pt) [January 27, 2020](#)

# Lembranças – a propósito da LIBERTAÇÃO DE AUSCHWITZ



Soldados soviéticos com prisioneiros que acabaram de libertar no campo de extermínio de Auschwitz  
Créditos / hindustantimes.com

**P**roclamado pela ONU, em 2010, como o DIA INTERNACIONAL DE RECORDAÇÃO DO HOLOCAUSTO, em memória das suas vítimas, 27 de Janeiro é também o dia em que se assinala a libertação do campo de concentração de AUSCHWITZ, o maior e mais conhecido campo de extermínio nazi, pelo Exército Vermelho – o exército da União Soviética.

Horrorizados com o que viram, os soviéticos, vindos da frente ucraniana, designaram o complexo de AUSCHWITZ como a «Fábrica da Morte». A este propósito, são de fácil acesso as leituras que nos indicam que, na altura da

libertação, havia no campo uns 7.000 prisioneiros – sobreviventes de um total de, pelo menos, 1.300.000 que ali foram assassinados, entre 1940 e 1945. As mesmas fontes – comuns – nos dizem que foram poucos os que conseguiram escapar ou sobreviver às câmaras de gás, aos fornos crematórios, ao trabalho escravo, às torturas, à fome, ao frio, às doenças e às experiências macabras em que eram cobaias.

Menos habitual é encontrar registos como o de Rui Paz, em «A Libertação de Auschwitz», a lembrar-nos que, naquele complexo de três campos, «tudo era

financiado pelo Deutsche Bank, cuja direcção se encontrava representada na IG FarbeBayer, empresa beneficiária do trabalho escravo e fornecedora do Zyklon B, o gás da morte com que os prisioneiros considerados inaptos para trabalhar eram asfixiados».

Antes que as tropas soviéticas libertassem AUSCHWITZ e alcançassem o Reichstag, o grande capital engordou. Diz-nos Rui Paz que «Siemens, Krupp, Opel, BMW, VW, Daimler, IG Farbe, Alianz, Flick, Deutsche, Dresdner e Commerz Bank são apenas os nomes mais sonantes de dinastias do mundo empresarial e da finança cujo poder foi consolidado pelo terror do regime hitleriano. Só entre 1939 e 1944 o volume de negócios do Deutsche Bank aumentou de 4,2 para 11,4 mil milhões de Reichsmark».

Não é demais recordar tal lembrança, a propósito de AUSCHWITZ e da sua libertação. Como não vem a despropósito recordar o enorme sacrifício da União Soviética com a guerra levada a cabo pela Alemanha de Hitler (mais de 20 milhões de mortos) e o grande, decisivo contributo dado pelo Exército Vermelho para a derrota do nazi-fascismo – desde o início sujeitos a campanhas de enredo e descentramento. O capital, com seu hollywood, deslocou, quase em exclusivo, os heroísmos mais para ocidente.

Em tempos mais recentes, com

alguns dos antigos países socialistas e das ex-repúblicas soviéticas devidamente integrados nas democráticas estruturas europeias – e com a NATO por casa –, não têm faltado revisionismo histórico e branqueamento do nazi-fascismo. Na Net, há muito quem se lembre – é só vasculhar. Bastante mais se silencia nos «meios» tradicionais da comunicação social.

Ponhamos exemplos: na Ucrânia, tributa-se culto oficial ao fascista Stepan Bandera e perseguem-se símbolos, nomes, estátuas e... militantes comunistas; na Letónia, são habituais as marchas de glorificação do nazismo e de louvor aos legionários letões das Waffen SS; na Polónia, ainda há dois anos, por ocasião do 70.º aniversário da libertação de Auschwitz, um ministro polaco dizia que haviam sido «os ucranianos» os libertadores, desprezando, de forma intencionada, o lado soviético da questão e cuspiendo na memória de centenas de milhares de soldados – soviéticos – que deram a vida para libertar a Polónia.

Em ano de centenário (1917-2017), a faísca do revisionismo e do branqueamento está para dar labaredas. António Santos, em «Apocalipse: RTP», e Miguel A. Montes, em «Gernika de Koldo Serra, una peli de barrio y anticomunista», bem nos lembraram, há dias. Entretanto, não esqueçamos AUSCHWITZ. E a sua libertação.

# Dachau, o primeiro campo dos indesejáveis



**A** memória do horror está no meio das casas, a um passo do centro habitado da pequena cidade de Dachau, agora como então. Os muros do campo de concentração correm ao longo da estrada principal que em pouco mais de 20 minutos conduzem a Munique.

O trilho que percorremos a pé é o mesmo sobre o qual eram empurrados os deportados à chegada, a Lagerstrasse, ao fundo da qual se encontra o “Jourhaus”, o edifício de entrada principal que albergava os departamentos administrativos e de comando do campo.

Ultrapassado o grande portão em ferro forjado com a famigerada frase “Arbeit macht frei”, acede-se à gigantesca praça onde diariamente, de manhã e ao cair da noite, era feita a contagem e se decidia o destino dos prisioneiros.

O campo de concentração de Dachau foi o primeiro do nazismo, o único que existiu ao longo dos 12 anos do Terceiro Reich. Heinrich Himmler, ao tempo comandante da secção de Munique das SS, inaugurou-o a 22 de março de 1933, apenas dois meses após a nomeação de Adolf Hitler como chanceler. Para o efeito, bastou reconverter os espaços de uma antiga fábrica de munições da primeira guerra mundial entretanto desativada, instalar torreões de controlo, instalar metros e metros de arame farpado.

Desde os alvares da ditadura que Dachau se tornou o modelo e o centro de treinamento para todos os outros campos de extermínio nazis. Entre 1936 e 1938, explorando a mão-de-obra dos próprios

prisioneiros, o campo foi ampliado até assumir a forma definitiva. No seu interior transitaram cerca de 200 mil pessoas, mais de 20% das quais – segundo os dados do museu de Dachau – aí perderam a vida.

**A partir do fim de 1940 chegaram em massa religiosos cristãos: para o campo foram deportados 2579 pessoas entre padres, seminaristas e frades católicos, juntamente com 141 pastores protestantes e padres ortodoxos. O Vaticano não conseguiu impedir a sua deportação, mas pelo menos conseguiu que fossem enviados todos juntos para Dachau**

As histórias de quem foi obrigado a viver e a morrer em Dachau entre 1933 e 1945 retomam forma no grande museu instalado no interior do antigo edifício do economato, uma construção baixa e longa ao lado da praça. As suas paredes internas permaneceram intactas, como se o tempo tivesse parado.

Longas filas de visitantes e estudantes percorrem as salas diariamente, confrontando-se com o

horror, à procura de uma explicação que continua por encontrar dentro do contexto da racionalidade humana. Os primeiros a chegar ao campo foram os opositores políticos, seguidos por austríacos detidos após a anexação do seu país.

Depois foram presos os judeus, os povos rom e sinti, as pessoas com deficiência, homossexuais e todos aqueles que o regime considerava sujeitos indesejáveis.

Mas a partir do fim de 1940 chegaram em massa religiosos cristãos: para o campo foram deportados 2579 pessoas entre padres, seminaristas e frades católicos, juntamente com 141 pastores protestantes e padres ortodoxos. O Vaticano não conseguiu impedir a sua deportação, mas pelo menos conseguiu que fossem enviados todos juntos para Dachau. Mais de metade eram polacos, os restantes provinham da França, Checoslováquia, Bélgica, Holanda, Luxemburgo e Itália, além de centenas de alemães e austríacos.

Os nazis prenderam-nos porque se opunham ao programa de eutanásia, porque tinham integrado a Resistência ou eram apenas suspeitos de ter contribuído, de alguma forma, para a luta antinazista. Muitos foram deportados simplesmente porque tinham ousado condenar o regime a partir dos púlpitos. Foram desde logo isolados dos outros prisioneiros e alojados na barraca 26, o denominado “Pfarrerblock” (bloco dos padres), que hoje já não existe.

Só duas das 34 barracas que compunham o campo permaneceram como testemunhas, fielmente reconstruídas, em frente ao edifício do museu. As outras foram removidas, deixando, todavia, bem visível o seu perímetro na terra.

O próprio Primo Levi reconheceu nas sua obras a enorme estatura moral dos padres deportados para Dachau, que procuraram de todos os modos reforçar a sua fé, não perdendo a esperança, e dedicando-se à ajuda e assistência espiritual aos doentes e moribundos.

As pressões do Vaticano conseguiram com que se abrisse uma pequena capela no interior do bloco 26, onde a 21 de janeiro de 1941 foi celebrada a primeira missa no campo. O sacário foi construído, às escondidas, na oficina dos carpinteiros, mas o padre era obrigado a celebrar sozinho. Aos detidos era proibido participar, e a Comunhão era distribuída secretamente, ao preço de graves riscos.

### **Em Dachau ocorreu também a ordenação clandestina de um seminarista prestes a morrer. O alemão Karl Leisner recebeu o sacramento do bispo francês de Clermont-Ferrand, D. Gabriel Piguet.**

Submetidos ao mesmo tratamento desumano de todos os outros prisioneiros, 1034 religiosos católicos não saíram vivos do campo, morrendo de fome, de exaustão, de prostração e de doenças. Em muitos deles foram igualmente realizadas experiências médicas fatais. Foi um lento martírio que recordou as perseguições sofridas pela Igreja dos primeiros séculos, e transformou o campo bávaro no maior cemitério de sacerdotes católicos do mundo.

Entre os muitos rostos que compõem no museu de Dachau está o do dominicano Giuseppe Girotti, que morreu no dia de Páscoa de 1945, poucos dias antes da chegada dos Aliados. Ficou junto dos doentes do campo até ao fim, mas depois também ele colapsou: foi transferido para a enfermaria, onde foi morto com uma injeção letal administrada pelos nazis. O museu do Yad Vashem de Jerusalém reconheceu-o como “Justo entre as Nações”, porque antes da sua detenção conseguiu

salvar a vida de muitos judeus.

Para Dachau foi também deportado Michal Kozal, bispo da cidade polaca de Wloclawek. À sua chegada, em 1941, recebeu o número 24544, e um uniforme às riscas com um triângulo vermelho que o identificava como prisioneiro político. Quando morreu de tifo, dois anos depois, o comandante do campo opôs-se à sua sepultura no cemitério de Dachau, e determinou que o seu corpo devia acabar no forno crematório.

**Os registos do museu testemunham o encarniçamento dos nazis em relação aos religiosos polacos, muitos dos quais se recusaram a aceitar a cidadania alemã que lhes teria garantido um tratamento especial. Num só dia, 5 de maio de 1942, foram mortos 22 padres polacos.**

No fundo do longo vale que em tempos era orlado pelas barracas dos prisioneiros eleva-se a capela da Agonia Mortal de Cristo. Inaugurada por ocasião do Congresso Eucarístico Mundial de 1960, foi o primeiro monumento religioso erigido no antigo

campo de concentração.

Na capela, uma placa recorda o martírio dos sacerdotes polacos. À volta, a pouca distância da área onde são conservadas as câmaras de gás e o grande crematório, encontram-se o memorial judaico, a igreja protestante e a capela russo-ortodoxa.

Pode parecer estranho, mas a primeira visita histórica de um chefe de governo alemão a Dachau ocorreu há poucos anos, em 2013. Nessa ocasião, a chanceler Merkel não deixou de ligar o horror do passado aos ressurgimentos extremistas do presente.

RICCARDO MICHELUCCI | In [Avenire](#) | Trad.: Rui Jorge Martins | Imagem: D.R. | Publicado em 27.01.2020

## RELEMBRAR AUSCHWITZ

Vagueiam nus  
em Auschwitz,  
perdidos no silêncio infame,  
os corpos dos nossos irmãos  
aguardando disformes  
o prenúncio da morte.  
Arrastam-se lentamente  
presos num corpo despojado  
de dignidade que já foi seu.  
Imploram aos carcereiros  
obreiros da iniquidade,

alívio para a dor lancinante  
que dilacera as entranhas  
da humanidade.  
Erguem-se em Auschwitz  
as vozes dos inocentes  
que padeceram a crueldade  
hedionda do Holocausto.  
Repousam em Auschwitz  
as cinzas da história  
que nunca devíamos  
ter deixado acontecer!

DANIEL BASTOS,  
*'Relembrar Auschwitz' in Terra.*